

**RETRATOS E RECORTES MONTES-CLARENSES: HISTÓRIAS DA CIDADE
NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR¹**

Luís Fernando de Souza Alves²

André Luiz Mendes Athayde³

Resumo: Este artigo buscou apresentar informações relacionadas à cidade de Montes Claros-MG. A primeira parte é dedicada aos governos de Antônio Lafetá Rebello (1967 – 1970 e 1978 – 1982), vulgo Toninho Rebello, um prefeito que foi querido por boa parte da população que viveu naquela Montes Claros. A nível nacional, o Brasil passava pela ditadura militar (1964 – 1985). A segunda parte do artigo é sobre o coronel Georgino Jorge de Souza, que, em uma charge da época, foi retratado como Custer, nome referente a um general estadunidense, conhecido por matar indígenas. Na terceira parte, apresentamos um caso da época da ditadura, o qual salta aos olhos, ligado à cidade de Montes Claros e que toma grandes proporções, chegando ao conhecimento nacional, a saber, o de Salustiano Gomes Ferreira, mais conhecido como Saluzinho. Essas três histórias têm em comum o período da ditadura militar e a cidade de Montes Claros. Por meio delas, a referida cidade Norte-Mineira pode ter um pouco mais de sua história contada.

Palavras-chave: Ditadura militar; Minas Gerais; Montes Claros.

**PORTRAITS AND CLIPPINGS OF MONTES CLAROS: STORIES OF THE CITY
DURING THE PERIOD OF THE MILITARY DICTATORSHIP**

Abstract: This paper sought to present information related to the city of Montes Claros-MG. The first part of the paper is dedicated to the governments of Antônio Lafetá Rebello (1967 – 1970 and 1978 – 1982), known as Toninho Rebello, a mayor who was loved by a good part of the population who lived in that Montes Claros. Brazil was going through a military dictatorship (1964 – 1985). The second part of the paper is about Colonel Georgino Jorge de Souza, who, in a cartoon of the time, was portrayed as Custer, a name referring to an American general, known for killing indigenous people. In the third part, we present a curious case from the time of the dictatorship, which is eye-catching, linked to the city of Montes Claros, and which takes on great proportions, coming to national attention, namely that of Salustiano Gomes Ferreira, better known as Saluzinho. These three stories have the period of the military dictatorship and

¹ Os autores são gratos pelo apoio do CNPq para o desenvolvimento deste artigo.

² Mestrando em Sociedade, Ambiente e Território pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: luisf3@gmail.com.

³ Doutor em Administração pela Universidade de Brasília (UnB). Professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: andreluizathayde@outlook.com.

the city of Montes Claros in common, and through them, it is possible to learn a little more about the history of the Northern Minas Gerais city of Montes Claros.

Keywords: Military dictatorship; Minas Gerais; Montes Claros.

Introdução

Um futuro promissor começava a chegar em Montes Claros, Minas Gerais. Era 15 de dezembro de 1959 e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) fora criada pela Lei 3.692, envolvendo quarenta e dois municípios do Norte de Minas, sendo Montes Claros o principal e que se tornou o centro de desenvolvimento da região. Em julho de 1965, o escritório da SUDENE foi instalado e sediado em Montes Claros. Com a chegada de tal superintendência, ocorreu um crescimento, com indústrias instaladas e milhares de empregos que beneficiam a população local, que chegou a mais de 180 mil habitantes na época.⁴

Falar de Montes Claros, cidade Norte-Mineira, não é algo simples. Comparado a assuntos que possuem quantidade de fontes em abundância, pode-se dizer que, para conseguir obter informações sobre a cidade, é necessário um esforço maior na busca de fontes. O esforço exigido também diz respeito à delimitação da situação da cidade no período da ditadura militar⁵. O objetivo deste artigo é apresentar um pouco do que ocorria na cidade nesse período, por meio de recortes separados, os quais também podem ser unidos pelo período em comum. A presente publicação tem sua parcela de contribuição para os estudos históricos por oferecer perspectivas adicionais sobre a cidade na época, com três recortes diferentes, a saber, a prefeitura sob a administração de Antônio Lafetá Rebello, a figura do coronel Georgino Jorge de Souza e o caso de Salustiano Gomes Ferreira, mais conhecido como Saluzinho.

⁴ GRAÇA, R. T. Prefácio In: *Montes Claros*. Disponível em: <https://montesclaros.com/era/>. Acesso em: 24 mar. 2022.

⁵ ALBERTI, V. Ditadura militar brasileira nas aulas de história. *Tempo e argumento*, v. 13, n. 33, 2021, p. 1-34; CARVALHO, A. Discutindo a ditadura civil-militar em sala de aula: desafios e possibilidades. *Memorial da resistência do Estado de São Paulo*, 2014; MOTTA, M. H. S. O ensino sobre a ditadura brasileira na sala de aula. Entrevista cedida a Izabella Lourença, mar. 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/o-ensino-sobre-a-ditadura-militar-brasileira-na-sala-de-aula.html>. Acesso em: 2 abr. 2022.

A escolha de tais figuras se deu pelo fato de o prefeito Toninho, como era conhecido, ter exercido dois mandatos (1967 – 1970 e 1978 – 1982). Por conta disso, foi possível obter informações de dois períodos de tempo pelo qual a cidade passou, um que contempla a parte inicial e outro mais próximo do fim da ditadura. A figura do coronel Georgino apareceu na pesquisa por meio do relato de um dos entrevistados. Investigando mais a vida de tal militar, foi possível tomar conhecimento de que ele perseguiu figuras que ameaçavam seus propósitos e os do regime, sendo o caso mais emblemático o de Cachoeirinha, local onde ele agiu ostensivamente contra camponeses⁶. Junto desse episódio contra trabalhadores do campo, ligado à figura do referido coronel, está a história de Saluzinho. Com tais histórias, é possível apresentar novas perspectivas históricas e novas abordagens sobre Montes Claros, considerando movimentos e personagens menos conhecidos da ditadura, que, nem por isso, deixam de ser importantes.⁷

Analizar tais casos joga luz a contextos e espaços que não têm sido tão estudados. O artigo, portanto, busca apresentar informações da história de Montes Claros no período da ditadura militar, além de trazer contribuições para os estudos históricos da cidade e para a temática da ditadura brasileira. Para que os objetivos e a escrita deste artigo fossem concretizados, consultas foram feitas a arquivos históricos e funcionários envolvidos com o Museu Regional do Norte de Minas, ao Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros (IHGMC) e à Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Foi feito uso de entrevistas, livros, artigos, monografias, dissertações, recursos visuais, músicas, matérias jornalísticas e páginas da internet, tudo isso visando enriquecer a análise⁸. Há aqui três histórias, as quais têm em comum o período da ditadura militar e a cidade Norte-Mineira. A seguir, há o recorte da história de um dos prefeitos da cidade mineira, mais conhecido, na boca do povo, como Toninho Rebello.

⁶ SANTOS, S. N. *À procura da terra perdida: para uma reconstituição do Conflito de Cachoeirinha*. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas). Universidade Federal de Minas Gerais, 1985; SUCURSAL BH. Mineira destemida de Cachoeirinha diz que com pistoleiro só no tiro! *Tribuna da Luta Operária*, ano 2, n. 46, 15-28 ago. 1981.

⁷ Cf. LE GOFF, J. (Ed.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990; BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992; FONSECA, S. G. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003.

⁸ Cf. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

Antônio Lafetá Rebello

De que partida chegaste,
viste o sol em cada vida?
Pois, já viste o mar de outono,
e tua triste cantiga,
viste o sol e o desengano
na tristeza da partida, quero a névoa deste outono,
quero o sol na despedida,
na tristeza destes vales,
choro a morte e esqueço a vida,
visto meus trajes de luto,
nos adeuses da partida,
choro meu céu sem estrelas,
Piso esta terra querida,
Entro nas águas dos rios
desço nos vales perdidos...
Conto nas mágoas da vida,
esta cantiga ferida...⁹

– Madeleine Velloso Rebello,
poetisa, cunhada de Toninho

Homenagem criada em abril de 2015, a *medalha de honra ao mérito Antônio Lafetá Rebello* remete ao prefeito de Montes Claros mais conhecido como Toninho (cf. figuras 1 e 2), geralmente visto de modo positivo pelos entrevistados, pois foi um gestor e apoiador do desenvolvimento da cidade¹⁰. Toninho foi prefeito da cidade de 1967 a 1970 e de 1978 a 1982¹¹, datas próximas ao início e fim do regime militar, respectivamente. No ano de 1966, diante do consenso da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), ele aceitou

⁹ REBELLO, M. V. Cantiga ferida In: *Jornal de Montes Claros*, 05 de julho de 1983.

¹⁰ NETO, Pedro. Dia do trabalhador. Prefeitura de Montes Claros, Montes Claros, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/noticia/dia-do-trabalhador-prefeitura-fara-homenagens-a-toninho-rebello-e-milton-prates>. Acesso em: 25 mar. 2022; GAZETA Norte Mineira. Cidade. Disponível em: <https://gazetanortemineira.com.br/noticias/cidade/prefeitura-prestara-homenagem-a-toninho-rebello-e-milton-prates>. Acesso em: 17 out. 2019.

¹¹ PEREIRA, L. M. *Em nome da região, a serviço do capital: o regionalismo político nor-te-mineiro*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2007; PREFEITURA. Prefeitos. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/prefeitos>. Acesso em: 25 mar. 2022; G1. 'Medalha Antônio Lafetá Rebello' premia gestores de Montes Claros. G1 Grande Minas, 29 jun. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2016/06/medalha-antonio-lafeta-rebelo-premia-gestores-de-montes-claros.html>. Acesso em: 25 mar. 2022; O NORTE de Minas. Medalha Toninho Rebello será entregue nesta quinta. *Jornal O Norte*, 30 jun. 2016. Disponível em: <https://onorte.net/montesclaros/medalha-toninho-rebelo-sera-entregue-nesta-quinta-1.484076>. Acesso em 25 mar. 2022.

ser candidato à prefeitura, como candidato único¹², tendo apoio até da modesta oposição abrigada no Movimento Democrático Brasileiro (MDB). A nível nacional, precisando de consolidação nos municípios, os militares buscaram centralizar o poder em suas mãos. A instauração da ditadura deu forte impulso ao planejamento central e à intervenção estatal¹³.



Figura 1 – Prefeito Toninho.

Fonte: Adaptado de G1. 'Medalha Antônio Lafetá Rebello' premia gestores de Montes Claros. G1 Grande Minas, 29 jun. 2016.

A primeira administração de Pedro Santos (1963 – 1966), antecessor de Toninho, deu forte motivo para lideranças políticas do município decidirem por uma candidatura única para suceder aquele, o que convergiu para o nome de Rebello, o qual assumiu, no primeiro mandato, uma Montes Claros com grandes problemas (1967 – 1970). As primeiras indústrias da SUDENE estavam chegando. A fábrica de cimento Companhia de Materiais Sulfurosos (MATSULFUR) estava em vias de concretização. A obra, iniciada em 1964, veio a ser inaugurada em 1969¹⁴. O Frigorífico Norte de Minas (FRIGONORTE) já tinha sido inaugurado em 1965¹⁵ e a pecuária de corte, por exemplo, era muito forte na região. Nesse

¹² ARRUDA, W. Construtores de Montes Claros. Montes Claros: Cotrim, 2011; BRASIL, H. O. História e desenvolvimento de Montes Claros. Montes Claros: Lemi, 1983.

¹³ MARTINE, G. Estado, economia e mobilidade geográfica: retrospectiva e perspectivas para o fim do século. *Revista Brasileira de Estudos de População*. v. 11, n. 1, p. 41-60, 1994.

¹⁴ PEREIRA, L. M.; LOPES, I. R. Experiências e vivências dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos S. A. – MATSULFUR de Montes Claros – MG (1969-1994). *Revista Semina*, v. 13, n. 1, p. 286-301, 2014.

¹⁵ SANTOS, G. R.; SOUTO, K. G. S. O desenvolvimento no Norte de Minas na perspectiva da SUDENE. *Revista Desenvolvimento Social*. v. 12, n. 2, p. 69-78, 2014.

contexto, a SUDENE é considerada um órgão relevante porque vinha instalando várias indústrias na região, por meio de incentivos fiscais disponibilizados via governo, com reflexos perceptíveis na vida da população até os dias atuais¹⁶.



Figura 2 – Antônio Lafetá Rebello.

Fonte: Adaptado de MONTES CLAROS. Prefeitura de Montes Claros. Galeria de fotos antigas, 2022.

Montes Claros experimentava grande transformação urbana. Toninho enviou o plano diretor para ser apreciado pela Câmara Municipal da cidade, em 1969. O plano apresentava um projeto de planejamento urbano para mudar a cidade, que foi aprovado em setembro de 1970, e tinha tendências modernistas e estéticas que incentivavam a organização do uso e ocupação do solo urbano¹⁷. O tom modernizador de tal plano marcou a história da cidade como uma proposta considerada avançada, moderna e que representou o anseio do executivo local, expressão da elite modernizadora do município. A ideia foi eliminar o congestionamento de áreas centrais, criando grandes espaços para um sistema de vias amplas, estacionamentos e áreas institucionais, bem como adequar a cidade ao processo de industrialização¹⁸.

¹⁶ SANTOS, G. R.; SOUTO, K. G. S. O desenvolvimento no Norte de Minas na perspectiva da SUDENE. *Revista Desenvolvimento Social*. v. 12, n. 2, p. 69-78, 2014.

¹⁷ GOMES, F. S. Discursos contemporâneos sobre Montes Claros: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2007; SILVA, L. J. D. A modernidade no sertão: a experiência do I Plano Diretor de Montes Claros na década de 1970. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Montes Claros, 2008.

¹⁸ SILVA, L. J. D. A modernidade no sertão: a experiência do I Plano Diretor de Montes Claros na década de 1970. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Montes Claros, 2008.

Sua primeira grande obra foi a construção da rede de esgoto e águas pluviais em toda a área central da cidade, feito que ele conseguiu que o governo federal financiasse, com custo zero para a prefeitura. Nesse mandato, Toninho liderou mudanças no aspecto urbanístico de Montes Claros, de modo que a cidade ficou pronta para receber as indústrias da SUDENE. Toninho também colocou em prática a construção dos mercados municipais da rua Joaquim Costa e o da rua Melo Viana, bem como o Parque Municipal Milton Prates, escolas e postos de saúde.¹⁹

Lafetá era um dos maiores fazendeiros do município e contava com o apoio da Sociedade Rural de Montes Claros, da qual foi presidente de 1975 a 1976²⁰, algo que ocorreu após seu primeiro governo. A chegada ao segundo período de governo se deu por conta de sua ligação a grupos políticos tradicionais que lhe sustentaram. Novamente eleito, ele colocou em prática grandes obras, como o Centro Cultural, a urbanização da avenida Deputado Esteves Rodrigues, a finalização da obra de saneamento do rio Vieira e da estação rodoviária Hildeberto de Freitas, sendo esta inaugurada pelo presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo, em 1980. Além disso, Toninho deu importância a ações políticas de seus correligionários e evitou ouvir vozes de lideranças dos bairros e associações comunitárias, que não eram beneficiados pelas obras da administração municipal²¹.

Também, em seu segundo governo, o referido prefeito, por determinação do Conselho de Desenvolvimento Urbano do Ministério do Interior, participou do programa Cidades de Porte Médio (PCPM), iniciativa do governo com o objetivo de estimular o desenvolvimento de cidades com população

¹⁹ REBELLO, I. F.; SILVEIRA, J. *Toninho Rebello: o homem e o político*. Belo Horizonte: Cleber Caldeira Editora, 2014; MONTES CLAROS. Mural. Disponível em: <https://montesclaros.com/mural/default.asp?numero=1588,94>. Acesso em: 17 out. 2019.

²⁰ OLIVEIRA, E. A. F. *Nova cidade, velha política: um estudo de poder sobre Montes Claros/MG*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 1994; FERREIRA, H. A. *Dominação política: liderança carismática e populismo. Um estudo sobre a dominação e a transição do poder político em Montes Claros na década de 80*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

²¹ O NORTE de Minas. Os prefeitos de Montes Claros e suas administrações: Antônio Lafetá Rebello (1967–1970/1977–1982). *Jornal O Norte*, 15 nov. 2021. Disponível em: <https://onor-te.net/opiniao/os-prefeitos-de-montes-claros-e-suas-administrac-es-antonio-lafeta-rebel-lo-1967-1970-1977-1982-1.532604>. Acesso em: 27 de fev. 2023.

entre 50.000 e 500.000 habitantes, tendo sido criado em 1975 como parte do *Plano Nacional de Desenvolvimento* (PND) do governo do presidente Ernesto Geisel²². O PCPM trouxe recursos para Montes Claros, permitindo o prefeito reorganizar a prefeitura e urbanizar ainda mais a cidade.

Antônio Lafetá ficou conhecido na cidade como aquele que mudou a Prefeitura e a Câmara Municipal da cidade para um prédio grande, na avenida Coronel Prates, além de ser visto como aquele que abriu várias ruas antes fechadas²³, permanecendo, de modo geral, na mente do povo, como um bom prefeito, fato que é observado nas entrevistas feitas na cidade, com pessoas que vivenciaram os governos do referido prefeito.

As entrevistas foram feitas na praça Doutor Carlos Versiani, no dia 5 de outubro de 2019, com idosos que frequentam o lugar. A gravação foi realizada com uso de gravador do celular. A intenção foi escolher entrevistados que vivenciaram o período da ditadura militar em Montes Claros e que aceitassem responder, rapidamente, duas perguntas, a primeira sobre a opinião em relação aos governos de Toninho e a segunda sobre a presença de traços da ditadura na cidade durante o período em questão.

Tal abordagem, que se utiliza da história oral, tem suas contribuições para análises historiográficas, pois amplia as perspectivas sobre um determinado assunto, traz a possibilidade de edificar a história a partir de diferentes óticas e captar significados expressos na linguagem do entrevistado, permitindo chegar em elementos não encontrados em outras fontes²⁴. Entrevistas, portanto, podem fornecer pistas de questões que geralmente não seriam percebidas de outra maneira ou por outros meios²⁵. Segundo Alessandro Portelli, narrativas orais e testemunhos que constituem a história oral são “[...] uma ferramenta adicional na panóplia de fontes do historiador – e, assim, estão sujeitas ao mesmo escrutínio

²² NUNES, O. V. R. *O Programa Cidades de Porte Médio: planejamento e política urbano-regional no Brasil (1976 – 1986)*. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, 2020.

²³ ARRUDA, W. *Política montes-clarense de ontem e de hoje*. Disponível em: <http://montes-claros.art.br/cronicas/0304.htm>. Acesso em 25 mar. 2022.

²⁴ ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004; MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

²⁵ GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

crítico que todas as outras fontes, a fim de averiguar sua confiabilidade e usabilidade [...]”²⁶. Tal criticidade é importante, uma vez que, a partir do conteúdo das entrevistas, foi possível notar que, em seus respectivos relatos, os entrevistados não trouxeram a temática da violência e repressão da ditadura, questões que ocorreram em Montes Claros e circunvizinhanças.

Uma das entrevistadas nasceu em 1944 e viveu dos seus trinta e dois anos em diante na época do início do primeiro mandato de Toninho. Ao ser indagada sobre como foram os governos do ex-prefeito, a senhora, de setenta e cinco anos, afirmou que, apesar de não lembrar muito dos detalhes, considera que foram governos bons. Ao ser indagada se percebeu, na época, algum reflexo da ditadura em Montes Claros, respondeu negativamente²⁷. Outro entrevistado nasceu em 1939 e viveu dos seus trinta e sete anos em diante no início do primeiro governo do prefeito supramencionado. Ao ser indagado com as mesmas perguntas, o senhor, de oitenta anos, respondeu:

[...] Seu Toninho Rebello foi ótimo, foi beleza [...] veja bem, quando eu discuto com uma pessoa [sobre o período da ditadura militar], digo que foi a época melhor da minha vida, eu estou com 80 anos, foi a época melhor da minha vida [...] Eles falam ditadura como sendo coisada assim, mas não, eles pegava [sic] era só quem era vagabundo mesmo, mas quem não era... quem era... eu mesmo nunca que uma polícia chegasse em mim e falasse alguma coisa, nada. Você chegava num banco e fazia alguma coisa, pegava o dinheiro na mão e saía na rua, hoje nem na sua casa você fica com dinheiro hoje [sic] [...] Foi bom demais aqui, foi a época melhor, dos que tem feito no Brasil, tirando Juscelino, foi o militarismo que fez.²⁸

Em sua fala, é possível notar que o período Juscelino Kubitschek (JK) e do militarismo são considerados como muito bons. Na história do Brasil, uma das principais marcas de tais períodos foi a questão dos investimentos em infraestrutura, com a realização de grandes construções, como a cidade de Brasília, inaugurada em 1960. Apesar dos grandes investimentos feitos nessas épocas, sabe-se

²⁶ PORTELLI, A. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 9.

²⁷ MEDEIROS, I. F. Entrevista 2. Entrevista cedida a Maria Isabel Soares Almeida Rodrigues e Yasmin de Cássia Ramos Oliveira. Montes Claros, out. 2019.

²⁸ OLIVEIRA, G. L. Entrevista 3. Entrevista cedida a Maria Isabel Soares Almeida Rodrigues e Yasmin de Cássia Ramos Oliveira. Montes Claros, out. 2019.

que grandes, também, foram as dívidas e desigualdades que o Brasil vivenciou²⁹, temas abordados mais adiante, na fala do professor Laurindo Mekie Pereira.

Ao lidar com cidades de menor porte, como Montes Claros, no período da ditadura, é necessário que o estudioso não se aproxime do tema com a tendência de querer confirmar expectativas de que houve perseguição extrema em todos os lugares do país. Isso, segundo Mekie, professor de História da UNIMONTES, ocorreu, principalmente, em cidades de maiores proporções:

[...] No momento imediato é que, se fechado o golpe, não há grandes repercussões, assim como não há em outras cidades do interior. Porque aqui não havia movimento social, sindical e estudantil muito forte, muito organizado, combativo. Porque esses movimentos foram os primeiros a serem vítimas da intervenção militar [...] o impacto imediato é pequeno, pouco perceptivo [...] a cidade continua tendo eleições municipais, a câmara ainda continua funcionando e, no ponto de vista econômico e social, as grandes transformações que se dão a Montes Claros datam dos anos 70 e porque ali ocorre um processo acelerado de industrialização, em grande medida incentivada pela SUDENE e, também, pelo governo estadual, e o êxodo rural muito grande. A população predominantemente urbana passa a ser em 70 e se dá essa transição, e com isso vieram [sic] uma série de problemas do crescimento das chamadas favelas sem infraestrutura e em contexto de desigualdade social muito grande. Então, nesse aspecto, Montes Claros sofre com a ditadura, assim como o resto do Brasil, por causa de um modelo econômico que, embora tenha promovido crescimento, também promoveu muita desigualdade.³⁰

Ao privilegiar a revitalização da área central da cidade, em detrimento das áreas periféricas, houve, na cidade, expansão de favelas, problema que foi agravado com o processo de migração³¹. Com o aumento de problemas sociais, crescimento desordenado da cidade e descaso sofrido por bairros populares, o mandato de Lafetá acabaria por terminar com críticas³². O problema mais sério foi a indiferença da administração em relação às periferias. Ao buscar

²⁹ GASPARI, E. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995; SANTOS, S. N. *À procura da terra perdida: para uma reconstituição do Conflito de Cachoeirinha*. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas). Universidade Federal de Minas Gerais, 1985; SUCURSAL BH. Mineira destemida de Cachoeirinha diz que com pistoleiro só no tiro! *Tribuna da Luta Operária*, ano 2, n. 46, 15-28 ago. 1981.

³⁰ PEREIRA, L. M. Entrevista 5. Entrevista cedida a Maria Isabel Soares Almeida Rodrigues e Yasmin de Cássia Ramos Oliveira. Montes Claros, out. 2019.

³¹ DELGADO, G. C. *Capital financeiro e agricultura no Brasil*. Campinas: Ícone, 1985; GONÇALVES NETO, W. *Estado e agricultura no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1997.

³² PRIMO, L. C. C. *Demandantes e demandados na história e na cultura política de Montes Claros-MG*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

trazer infraestrutura para a cidade e conviver com o progresso observado na região, os bairros da cidade explodiam em volta do centro, quase todos sem infraestrutura básica, como água, esgoto, escola e posto de saúde³³.

Sobre a composição do executivo municipal, de 1962 a 1982, ela foi formada por prefeitos representantes de oligarquias e partidos ligados ao arranjo político estadual, com bases eleitorais assentadas em políticas coronelistas³⁴. Na fala do professor Mekie, percebe-se que, com a instalação da ditadura no país, não há, inicialmente, grandes mudanças em Montes Claros e em cidades do interior, por conta da ausência de movimentos muito fortes e combativos, como em grandes cidades, o que não descarta a existência de reações ao regime em cidades de menor porte. Montes Claros chegou a ser um ponto de preparação para guerrilha rural e como uma das cidades estratégicas para a Corrente Revolucionária de Minas Gerais (CORRENTE), dissidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que atuou de modo armado contra a ditadura³⁵. Agora, voltando à figura de Toninho, outro entrevistado, nascido em 1950, de sessenta e nove anos na época da entrevista, traz algumas informações adicionais:

Qual foi sua visão sobre o governo de Antônio Lafetá Rebello?

Honestidade, em primeiro lugar, administração, em segundo, mas muito bom, é [...] prefeito que nunca ninguém nunca falou mal de seu Antônio Lafetá Rebello, sempre ótimo prefeito, honesto e bom administrador.

Na década de 66 [sic], quando foi eleito, era a época que estava acontecendo a ditadura militar no Brasil. Aqui, em Montes Claros, houve algum traço dessa ditadura?

Olha, teve a... por exemplo a ditadura, por exemplo, começou na época, teve... teve uma reunião de todos os militares em Brasília, e o coronel Georgino foi um dos que comandou o 10º Batalhão até Brasília, a marcha, todos em caminhões do governo, caminhões do DNOCS [Departamento Nacional de Obras Contra as Secas],

³³ VALMOR, C. M. S. Outros modos de viver: pobreza urbana em Montes Claros – 1960 a 1980. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

³⁴ QUADROS, D. B. Participação popular na gestão pública municipal de Montes Claros – 2005-2008: avanço ou continuísmo? Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Montes Claros, 2014; cf. QUEIROZ, M. I. P. Coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, B. (Ed.). *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

³⁵ VITRAL, T. V. Corrente revolucionária de Minas Gerais: resistência ativa à ditadura civil militar em Minas Gerais. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

todos foram requisitados pelo coronel Georgino para a marcha a Brasília, para honrar o 10º Batalhão da Polícia Militar.

E o senhor acha que aqui, em Montes Claros, houve algum traço a mais dessa ditadura? Alguma repressão, por exemplo?

Olha, naquela época do DOPS [Departamento de Ordem Política e Social], então, foi muito bem vigiado pelo DOPS aqui, mas não teve nada de agravante.³⁶

Aqui, além dos elogios característicos à figura de Toninho, o entrevistado se recordou do coronel Georgino, responsável pelo 10º Batalhão da Polícia Militar. Além disso, na resposta à última pergunta, o entrevistado sustentou que não houve agravantes na cidade, mas, ao voltarmos nossos olhos para outros retratos e recortes montes-clarenses, percebemos alguns acontecimentos graves na cidade e em seu entorno.

Coronel Georgino Jorge de Souza

Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue³⁷
 – Trecho da canção Cálice, de Chico Buarque



Figura 3 – Coronel Georgino.

Fonte: Adaptado de ACADEMIA de Letras. Centenário Georgino de Souza. Academia de Letras do Brasil – Seção Minas Gerais, 22 jun. 2018.

³⁶ SENA, S. R. Entrevista 1. Entrevista cedida a Maria Isabel Soares Almeida Rodrigues e Yasmin de Cássia Ramos Oliveira. Montes Claros, out. 2019.

³⁷ CÁLICE. Compositor e intérprete: Chico Buarque. Polygram/Philips, 1978.

Parte da fala do último entrevistado, mencionada no tópico anterior, apresenta informação importante para a história montes-clarense, a saber, que o 10º Batalhão da Polícia Militar, instalado em Montes Claros, teve um coronel, chamado Georgino Jorge de Souza (cf. figura 3), que, em 1964, conduziu sua tropa até Brasília, a fim de apoiar a tomada do governo pelos militares (cf. figura 4).



Figura 4 – Oficiais do 10º Batalhão, sob comando do coronel Georgino, em Brasília, em abril de 1964.

Fonte: Adaptado de SENA, L. F. Padre Agostinho, a saga de um sacerdote. Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros, 2022.

No período, tal fato histórico não alterou de imediato a rotina dos habitantes de Montes Claros³⁸. Opiniões contrárias ao regime militar não foram brutalmente reprimidas, como ocorreu em grandes cidades. Contudo, com a instauração do período militar no Brasil, o dia a dia das redações dos jornais chega a contar com a presença de soldados fardados ou à paisana, responsáveis por vigiar o que seria publicado na imprensa. Quando policiais militares locais voltaram da operação do golpe de 1964, membros da corporação foram inseridos em redações dos jornais *Diário de Montes Claros* e *Jornal de Montes Claros*³⁹.

³⁸ SILVA, C. G. Censura, repressão e silêncio: a memória da imprensa escrita de Montes Claros durante o governo militar (1964 – 1985). *Revista Ágora*, Vitória, n. 11, 2010, p. 1-17; SILVA, C. G. A censura veste farda: elites conservadoras, policiais militares e o consentimento da imprensa escrita à censura, durante o governo militar em Montes Claros de 1964-1985. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

³⁹ SOUZA, A. L. Memórias e experiências de trabalhadores no processo de luta pela terra em Cachoeirinha: violência, mobilização e conquistas. Vale do Jaíba-MG, 1960/1980. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

Ao voltar da operação em Brasília, o coronel realizou o controle da imprensa e, mesmo após ser reformado, em 18 de novembro de 1973, continuou envolvido no arranjo de relações e interesses no cenário Norte-Mineiro. O controle da imprensa, que ocorreu nos três ou quatro primeiros anos do regime, com censura prévia, aconteceu, nos anos subsequentes, pela autocensura combinada entre donos de jornais e o 10º Batalhão quanto ao que seria ou não publicado. Como já mencionado, a cidade e a região Norte de Minas Gerais passavam por transformações, tendo sido tal parte do estado inserido na área mineira da SUDENE. Com a vinda de indústrias e incentivos via Estado, a imprensa também foi modernizada. Assim, o anseio pelo progresso da cidade obrigava jornalistas a redigirem matérias com tal enfoque⁴⁰.

Apesar de ter existido uma ação de restrição mais forte por parte dos militares em grandes cidades, houve, em Montes Claros, censores que buscaram fiscalizar as matérias. Mesmo assim, repórteres e editores, vez ou outra, driblavam as fiscalizações, por meio do uso de metáforas e linguagem subliminar, à semelhança da parte da canção de Chico Buarque de Hollanda mencionada no início do presente tópico. Existiam casos em que censores cortavam partes do que seria publicado e não deixavam que informações consideradas polêmicas fossem publicadas⁴¹. Tais questões trazem à mente algo mencionado por Michel Foucault:

[...] suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual

⁴⁰ SOUZA, A. L. *Memórias e experiências de trabalhadores no processo de luta pela terra em Cachoeirinha: violência, mobilização e conquistas. Vale do Jaíba-MG, 1960/1980. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, 2017.*

⁴¹ SILVA, C. G. Censura, repressão e silêncio: a memória da imprensa escrita de Montes Claros durante o governo militar (1964 – 1985). *Revista Ágora, Vitória*, n. 11, 2010.

da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo [...]⁴²

Trazendo a citação de Foucault para a discussão, é possível afirmar que, sob a liderança de Georgino, houve esforços no sentido de impedir e até mesmo excluir parte do conteúdo que seria publicado no período militar, na cidade de Montes Claros. Sob o discurso de combate à implantação do comunismo, qualquer fala contrária ao regime era censurada e discursos eram produzidos, visando o controle e o poder. Além da atuação a nível de imprensa, Georgino trabalhava como advogado de fazendeiros da região e liderou tropas responsáveis por violentar camponeses⁴³. Essa dupla atuação rendeu ao coronel-advogado terras como pagamento por serviços prestados, o que aumentou ainda mais o seu poder de repressão, exclusão e interdição.

Entre suas atuações, esteve o conhecido caso do conflito de Cachoeirinha, do início da década de 1960⁴⁴, contra camponeses, no Norte de Minas Gerais. Tal episódio, relativo a lutas por terras e reconhecimento, é descrito no relatório final da Comissão da Verdade de Minas Gerais (COVEMG)⁴⁵, sendo um exemplo de violações de direitos humanos contra camponeses no período da ditadura militar, uma das mais violentas expulsões de posseiros no estado. As narrativas destes focam na violência a que foram submetidos a mando do coronel, responsável pelos despejos e pela violência a que foram submetidos⁴⁶.

⁴² FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007, p. 8-9.

⁴³ CAMISASCA, M. M. Resistência camponesa no município de Varzelândia. In: SANT'ANA, Mateus Ribeiro (Org.); FACHINI, Rafael Augusto (Org.). *Caderno de programação e resumos da semana de história UFU 2018*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

⁴⁴ Também conhecido como Conflito de Cachoeirinha. Assassinatos e ameaças foram perpetrados contra posseiros, por parte de fazendeiros e do aparato militar. Em tal caso, existiram dois despejos, o primeiro em setembro de 64, meses após o golpe, e o segundo em junho de 67.

⁴⁵ COVEMG. *Comissão da Verdade em Minas Gerais: relatório final*. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. v. 2.

⁴⁶ SANGLARD, F. N.; CAMISASCA, M. M. Os despejos de Cachoeirinha e a luta por terra no período da ditadura militar. *História Unisinos*, v. 24, n. 2, 2020, p. 325-333; CHAVES, L. A. Saluzinho e a luta pela terra no Norte de Minas Gerais. *Revista Verde Grande*, v. 1, n. 3, 2006, p. 98-107.



Figura 5 – Reconstrução de charge sobre o coronel Georgino.

Fonte: Adaptado de CHARGE. Jornal do Sindicato dos Médicos, 1982.

O Jornal do Sindicato dos Médicos, na notícia Cachoeirinha, terra para quem nela trabalha, de setembro de 1982, traz uma charge, cujo personagem é o coronel Georgino (cf. figura 5). O nome “Custer” é uma referência ao general estadunidense George Armstrong Custer, conhecido por matar índios. Georgino é retratado com as falas “Índio bom é índio morto” e “Posseiro bom, idem [isto é, posseiro bom é posseiro morto]”⁴⁷, enquanto corre atrás de um indivíduo que representa a pessoa expulsa da terra. Em tal charge, a memória negativa do coronel contra posseiros foi registrada, o que acaba por nos levar a outro personagem da região.

Salustiano Gomes Ferreira

“[...] O heroísmo tem nos sertões, para todo sempre perdidas, tragé-dias espantosas [...]”⁴⁸
– Euclides da Cunha, em *Os sertões*

Tempos após as tropas do 10º Batalhão da Polícia Militar (10º BPM), junto a pistoleiros, sob o comando do coronel Georgino terem invadido Cachoeirinha, no ano de 1967, na região de Varzelândia-MG, um camponês de meia idade se tornaria conhecido nos sertões do Norte de Minas⁴⁹. Seu nome era Salustiano Gomes Ferreira, o Saluzinho (cf. figura 5). Sua história é des-

⁴⁷ CHARGE. Cachoeirinha, terra para quem nela trabalha. *Jornal do Sindicato dos Médicos*, set. 1982.

⁴⁸ CUNHA, E. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2010, p. 112.

⁴⁹ AROEIRA. Saluzinho: a saga de um ‘forte’ contra o latifúndio. *A nova democracia*, ano 15, n. 190, jun. 2017. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-190/7040-saluzinho-a-saga-de-um-forte-contra-o-latifundio>. Acesso em: 25 mar. 2022; cf. O TEMPO. Repressão no campo. Disponível em: <https://www.otimepo.com.br/infograficos/repressao-no-campo-1.1554575>. Acesso em: 2 abr. 2022.

tacada no relatório da Comissão da Verdade em Minas Gerais⁵⁰, e ele é considerado uma das vítimas de avanços contra trabalhadores rurais que lutavam por terras.

Em 17 de novembro de 1967, jagunços de um influente fazendeiro ligado às elites de Montes Claros, Oswaldo Alves Antunes, e policiais militares foram à casa do Saluzinho, para expulsá-lo da terra, sem mandado judicial. O fazendeiro, que também era advogado e dono do periódico *O Jornal de Montes Claros*, mobilizou, em defesa de seus interesses, a imprensa regional, criando uma atmosfera de temor contra o avanço comunista⁵¹. Com uma espingarda velha, Salustiano atingiu um jagunço e um militar. Temendo uma represália, com uma garrucha, um revólver 38 e duas espingardas, ele se escondeu no sertão, refugiando-se em uma gruta⁵². Durante os três primeiros dias de perseguição, policiais abriram fogo contra Saluzinho, houve revidar e um militar foi ferido. Os policiais utilizaram dinamite para explodir a gruta, mas Saluzinho ali continuou. A perseguição virou notícia no jornal *O Estado de São Paulo*⁵³, e o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) enviou uma força especializada de quarenta homens para prender o camponês.

⁵⁰ COVEMG. *Saluzinho: um mito da resistência*. Disponível em: <http://www.comissaodaverdad.e.mg.gov.br/handle/123456789/396>. Acesso em: 25 mar. 2022; COVEMG. *Comissão da Verdade em Minas Gerais: relatório final*. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. v. 2.

⁵¹ DAYRELL, Carlos Alberto; CESAR, Fabiano Cordeiro; FERNANDES, Cristina Rodrigues; SANTOS, Lilian Maria. *O sertão rebelde: impactos socioambientais da ditadura civil-militar no Norte de Minas Gerais*. VI Congresso em Desenvolvimento Social, 2018.

⁵² ZANGELMI, A. J.; QUELER, J. J. Q. "O latifúndio é o Diabo: apontamentos sobre a inusitada trajetória de Saluzinho. *Tempo*, v. 27, n. 3, 2021, p. 606-628.

⁵³ INVASOR de terras é cercado pela polícia. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 22 nov. 1967; RESISTÊNCIA de invasor surpreende. *O Estado de São Paulo*, 24 nov. 1967.



Figura 6 – Saluzinho.

Fonte: Adaptado de COVEMG. *Saluzinho: um mito da resistência*, 2022.

Eles usaram bombas de gás, algo que não surtiu efeito. No sexto dia, e com ampla cobertura da imprensa nacional, Saluzinho negocia sua rendição, temendo que, se assim não fizesse, poderia acabar sendo assassinado. Após se entregar, ele foi colocado na caçamba de um caminhão, o qual circulou por Montes Claros. Segundo o relatório da COVEMG⁵⁴, a polícia exibiu o camponês para mostrar que prendera o criminoso mais perigoso do Norte de Minas, sendo que, após sua prisão, os jornais passaram a tratá-lo como comunista, invasor de terras, uma fera, assassino incontrolável com prazer em matar, embora não tivesse envolvimento na política, nem soubesse o que era um comunista⁵⁵.

Saluzinho ficou estigmatizado, algo que o levou a viver escondido depois de ser inocentado das acusações e libertado⁵⁶. Sua esposa, segundo um dos filhos, morreu meses depois do marido ser solto, por conta de sequelas das torturas perpetradas pela polícia contra ela, que chegou a ser pendurada de cabeça para baixo, nua, tendo o bico de seus seios queimados

⁵⁴ COVEMG. Comissão da Verdade em Minas Gerais: relatório final. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. v. 2; COVEMG. *Saluzinho: um mito da resistência*. Disponível em: <http://www.comissao-daverdade.mg.gov.br/handle/123456789/396>. Acesso em: 25 mar. 2022.

⁵⁵ CHAVES, L. A. Saluzinho e a luta pela terra no Norte de Minas Gerais. *Revista Verde Grande*, v. 1, n. 3, 2006, p. 98-107.

⁵⁶ MIRANDA, B. Saluzinho, o herói assustador que resistiu ao cerco militar. *O Tempo*, 18 dez. 2017. Disponível em: <https://www.otimepo.com.br/politica/saluzinho-o-heroi-assustador-que-resistiu-ao-cerco-militar-1.1554577>. Acesso em: 25 mar. 2022.

e um galho de árvore introduzido em seu ânus⁵⁷. Apesar das falas, a COVEMG não conseguiu encontrar documentos para comprovar a causa da morte de Dulce Gonçalves Pereira (ou Dúlcia Gonçalves de Araújo) e considerá-la vítima do regime militar.⁵⁸

Considerações finais

Retratos e recortes montes-clarenses são histórias que, apesar de não parecem relacionadas, são interligadas por um mesmo período e cidade. De um lado, há um dos prefeitos mais amados na memória dos habitantes. Considerando nossas investigações, o período da ditadura militar não está intensamente presente na memória da população e não afetou tanto a vida dos cidadãos de Montes Claros como ocorreu em grandes cidades do país, mas isso não significa ausência⁵⁹. Foi possível encontrar um coronel com ações a favor da ditadura e contra alguns grupos de indivíduos. Entre os retratos e recortes, também há a história de um homem rural, que acabou sendo visto como comunista e pervertedor da ordem pública, o qual, junto de sua família, acabou sofrendo consequências duras.

Além do período militar que interliga tais retratos e recortes, há também a cidade de Montes Claros, que passa por mudanças de planejamento e urbanísticas. Foi em 1967 que, em nome do progresso, o velho e famoso mercado da cidade foi demolido, por decreto do prefeito Toninho⁶⁰. Apesar de ter afirmado que “Pior que a injustiça social sem culpa, é acostumar-se culposamente a ela”⁶¹, o processo acelerado de industrialização e modernização executado sob seu governo acabou perpetuando um modelo econômico que,

⁵⁷ MENDES, A. A verdade vai sendo desenterrada no grande sertão. *Rede Brasil Atual*, 23 jan. 2016. Disponível em: <https://www.redebraasilatual.com.br/revistas/2016/01/a-verdade-vai-sendo-desenterrada-no-grande-sertao-3276/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

⁵⁸ COVEMG. Dulce Gonçalves Pereira. Disponível em: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1280>. Acesso em: 25 mar. 2022.

⁵⁹ Cf. MENDES, A. A verdade vai sendo desenterrada no grande sertão. *Rede Brasil Atual*, 23 jan. 2016. Disponível em: <https://www.redebraasilatual.com.br/revistas/2016/01/a-verdade-vai-sendo-desenterrada-no-grand-e-sertao-3276/>. Acesso em: 25 mar. 2022; PIMENTEL, G. C. O sonho vi-giado: comunistas do interior mineiro e a vigilância-repressão às suas atividades. 8º FEPEG, 2014.

⁶⁰ ALMEIDA, R. J. O velho mercado. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros*, v. 7, 2011, p. 145.

⁶¹ REBELLO, A. L. apud REBELLO, I. F.; SILVEIRA, J. *Toninho Rebello: o homem e o político*. Belo Horizonte: Cleber Caldeira Editora, 2014, contracapa.

apesar do crescimento, também trouxe desigualdade e problemas, algo que foi característico em outras regiões do país no período da ditadura⁶². Assimetrias quanto ao poder⁶³ também são observadas nos despejos feitos sob o comando do coronel Georgino, que agia a favor de latifundiários e agentes públicos, sendo ele também uma das partes interessadas na aquisição das terras.

Em sua condição de policial, articulou expulsões. Como advogado, atuou a favor de proprietários de terras, que lhe deram parte das terras como pagamento⁶⁴. Houve violência nos despejos, torturas, incêndio de imóveis, destruição agrícola, pecuária e de bens dos posseiros⁶⁵. O referido coronel é associado a disputas territoriais e casos de assassinatos de camponeses na região, além de ter contado com a cumplicidade da ditadura militar e criado condições locais para que houvesse, por meio da revolução verde, uma grande transformação no campo brasileiro, afetando muitos camponeses, como Saluzinho⁶⁶.

A realização deste estudo, portanto, gera reflexões sobre a importância de investigar, de maneira profunda, cada contexto e história de cidades e regiões em momentos de conjuntura histórica específica no cenário nacional, como foi o da ditadura militar. O presente artigo revelou que o caráter de lideranças municipais pode marcar a memória de uma população

⁶² COSTA, L. C. Metamorfoses do mercado público de Montes Claros: mudanças e permanências. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2019; SILVA; E. P. F.; GALIZONI, F. M.; LIMA, V. M. P.; RIBEIRO, E. M.; PAULA, É. J. S.; SANTOS, A. O.; SANTOS, A. F. R. Metamorfose da Chapada: monocultura de eucalipto e tomadas de terras e águas no Alto do Jequitinhonha, Minas Gerais. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, v. 17, n. 44, 2022, p. 63-89; MONTE-MÓR, R. L. As teorias urbanas e o planejamento urbano no Brasil. In: DINIZ, C. C. (Org.); CROCCO, M. (Org.). *Economia regional e urbana: contribuições teóricas recentes*. Belo Horizonte: UFMG, 2006; COUTINHO, L. M. O conceito do cerrado. *Revista Brasileira de Botânica*, v. 1, p. 17-23, 1978.

⁶³ BOURDIEU, P. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. *Maná*, v. 2, n. 2, 1996; AUYERO, J. *Pacientes del Estado*. Buenos Aires: Eudeba, 2016.

⁶⁴ SOBRAL, H. D.; CAMISASCA, M. M. Considerações sobre docência e historiografia: o caso da disciplina Questão Agrária nas ditaduras do Brasil. *História Agrária de América Latina*. v. 1, n.2, 2020, p. 1-20.

⁶⁵ SANGLARD, F. N.; CAMISASCA, M. M. Os despejos de Cachoeirinha e a luta por terra no período da ditadura militar. *História Unisinos*, v. 24, n. 2, 2020, p. 325-333; CHAVES, L. A. Saluzinho e a luta pela terra no Norte de Minas Gerais. *Revista Verde Grande*, v. 1, n. 3, 2006, p. 98-107.

⁶⁶ DAYRELL, C. A. Rebeldia nos sertões. *Combate Racismo Ambiental*, 11 fev. 2016. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2016/02/11/rebeldia-nos-sertoes-por-carlos-alberto-dayrell-2/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

de modo positivo ou negativo. Por fim, esta pesquisa revela que os reflexos da ditadura em grandes centros, divulgados pela mídia e cunhados na literatura, podem apresentar cenários diferentes daqueles de cidades de pequeno e médio porte.

Referências

- ACADEMIA de Letras. Centenário Georgino de Souza. *Academia de Letras do Brasil – Seção Minas Gerais*, 22 jun. 2018. Disponível em: <https://academialetrasdobraisldeminasgerais.blogspot.com/2018/06/centenario-georgino-jorge-de-souza.html>. Acesso em 25 mar. 2022.
- ALBERTI, V. Ditadura militar brasileira nas aulas de história. *Tempo e argumento*, v. 13, n. 33, 2021, p. 1-34.
- ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, R. J. O velho mercado. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros*, v. 7, 2011.
- AROEIRA. Saluzinho: a saga de um 'forte' contra o latifúndio. *A nova democracia*, ano 15, n. 190, jun. 2017. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-190/7040-saluzinho-a-saga-de-um-forte-contra-o-latifundio>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- ARRUDA, W. *Construtores de Montes Claros*. Montes Claros: Cotrim, 2011.
- ARRUDA, W. *Política montes-clarense de ontem e de hoje*. Disponível em: <http://montesclaros.art.br/cronicas/0304.htm>. Acesso em 25 mar. 2022.
- AUYERO, J. *Pacientes del Estado*. Buenos Aires: Eudeba, 2016.
- BOURDIEU, P. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. *Maná*, v. 2, n. 2, 1996.
- BRASIL, H. O. *História e desenvolvimento de Montes Claros*. Montes Claros: Lemi, 1983.
- BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CÁLICE. Compositor e intérprete: Chico Buarque. Polygram/Philips, 1978.
- CAMISASCA, M. M. Resistência camponesa no município de Varzelândia. In: SANT'ANA, M. R. (Org.); FACHINI, R. A. (Org.). *Caderno de programação e resumos da semana de história UFU 2018*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
- CHARGE. Cachoeirinha, terra para quem nela trabalha. *Jornal do Sindicato dos Médicos*, set. 1982.

CARVALHO, A. Discutindo a ditadura civil-militar em sala de aula: desafios e possibilidades. *Memorial da resistência do Estado de São Paulo*, 2014.

CHAVES, L. A. Saluzinho e a luta pela terra no Norte de Minas Gerais. *Revista Verde Grande*, v. 1, n. 3, 2006, p. 98-107.

COSTA, L. C. *Metamorfozes do mercado público de Montes Claros: mudanças e permanências*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

COUTINHO, L. M. O conceito do cerrado. *Revista Brasileira de Botânica*, v. 1, p. 17-23, 1978.

COVEMG. Comissão da Verdade em Minas Gerais: relatório final. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. v. 2.

COVEMG. Dulce Gonçalves Pereira. Disponível em: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1280>. Acesso em: 25 mar. 2022.

COVEMG. Saluzinho: um mito da resistência. Disponível em: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/396>. Acesso em: 25 mar. 2022.

CUNHA, E. Os sertões. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2010.

DAYRELL, C. A. Rebeldia nos sertões. *Combate Racismo Ambiental*, 11 fev. 2016. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2016/02/11/rebeldia-nos-sertoes-por-carlos-alberto-dayrell-2/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

DAYRELL, C. A.; CESAR, F. C.; FERNANDES, C. R.; SANTOS, L. M. O sertão rebelde: impactos socioambientais da ditadura civil-militar no Norte de Minas Gerais. *VI Congresso em Desenvolvimento Social*, 2018.

DELGADO, G. C. *Capital financeiro e agricultura no Brasil*. Campinas: Ícone, 1985.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.

FERREIRA, H. A. *Dominação política: liderança carismática e populismo. Um estudo sobre a dominação e a transição do poder político em Montes Claros na década de 80*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

FONSECA, S. G. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

G1. 'Medalha Antônio Lafetá Rebello' premia gestores de Montes Claros. *G1 Grande Minas*, 29 jun. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2016/06/medalha-antonio-lafeta-rebello-premia-gestores-de-montes-claros.html>. Acesso em: 25 mar. 2022.

- GASPARI, E. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GAZETA Norte Mineira. *Cidade*. Disponível em: <https://gazetanortemineira.com.br/noticias/cidade/prefeitura-prestara-homenagem-a-toninho-rebello-e-milton-prates>. Acesso em: 17 out. 2019.
- GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, F. S. *Discursos contemporâneos sobre Montes Claros: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.
- GONÇALVES NETO, W. *Estado e agricultura no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- GRAÇA, R. T. Prefácio In: *Montes Claros*. Disponível em: <https://montesclaros.com/era/>. Acesso em: 24 mar. 2022.
- INVASOR de terras é cercado pela polícia. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 22 nov. 1967.
- LE GOFF, J. (Ed.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- MARTINE, G. Estado, economia e mobilidade geográfica: retrospectiva e perspectivas para o fim do século. *Revista Brasileira de Estudos de População*. v. 11, n. 1, p. 41-60, 1994.
- MEDEIROS, I. F. Entrevista 2. Entrevista cedida a Maria Isabel Soares Almeida Rodrigues e Yasmin de Cássia Ramos Oliveira. Montes Claros, out. 2019.
- MENDES, A. A verdade vai sendo desenterrada no grande sertão. *Rede Brasil Atual*, 23 jan. 2016. Disponível em: <https://www.redebraasilatual.com.br/revistas/2016/01/a-verdade-vai-sendo-desenterrada-no-grande-sertao-3276/>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MIRANDA, B. Saluzinho, o herói assustador que resistiu ao cerco militar. *O Tempo*, 18 dez. 2017. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/saluzinho-o-heroi-assustador-que-resistiu-ao-cerco-militar-1.1554577>. Acesso em : 25 mar. 2022.
- MONTE-MÓR, R. L. As teorias urbanas e o planejamento urbano no Brasil. In: DINIZ, C. C. (Org.); CROCCO, M. (Org.). *Economia regional e urbana: contribuições teóricas recentes*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MONTES CLAROS. *Mural*. Disponível em: <https://montesclaros.com/mural/default.asp?numero=1588,94>. Acesso em: 17 out. 2019.

MONTES CLAROS. Prefeitura de Montes Claros. *Galeria de fotos antigas*. 1 fotografia. Disponível em: http://www.montesclaros.mg.gov.br/desenvolvimento%20economico/div_tur/fotos%20antigas/Administradores/images/1970%20e%201977%20-%201982%20-%20Ant%C3%B4nio%20Lafet%C3%A1%20Rebelo%201966.jpg.jpg. Acesso em: 25 mar. 2022.

MOTTA, M. H. S. O ensino sobre a ditadura brasileira na sala de aula. Entrevista cedida a Izabella Lourença, mar. 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/o-ensino-sobre-a-ditadura-militar-brasileira-na-sala-de-aula.html>. Acesso em: 2 abr. 2022.

NETO, P. Dia do trabalhador. Prefeitura de Montes Claros, Montes Claros, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/noticia/dia-do-trabalhador-prefeitura-fara-homenagens-a-toninho-rebello-e-milton-prates>. Acesso em: 25 mar. 2022.

NUNES, O. V. R. *O Programa Cidades de Porte Médio: planejamento e política urbano-regional no Brasil (1976 – 1986)*. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, 2020.

OLIVEIRA, E. A. F. *Nova cidade, velha política: um estudo de poder sobre Montes Claros/MG*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 1994.

OLIVEIRA, G. L. Entrevista 3. Entrevista cedida a Maria Isabel Soares Almeida Rodrigues e Yasmin de Cássia Ramos Oliveira. Montes Claros, out. 2019. O NORTE de Minas. Medalha Toninho Rebello será entregue nesta quinta. Jornal O Norte, 30 jun. 2016. Disponível em: <https://onorte.net/montesclaros/medalha-toninho-rebello-sera-entregue-nesta-quinta-1.484076>. Acesso em 25 mar. 2022.

O NORTE de Minas. Os prefeitos de Montes Claros e suas administrações: Antônio Lafetá Rebello (1967–1970/1977–1982). Jornal O Norte, 15 nov. 2021. Disponível em: <https://onorte.net/opiniao/os-prefeitos-de-montes-claros-e-suas-administracoes-antonio-lafeta-rebello-1967-1970-1977-1982-1.532604>. Acesso em: 27 de fev. 2023.

O TEMPO. Repressão no campo. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/infograficos/repressao-no-campo-1.1554575>. Acesso em: 2 abr. 2022.

O TEMPO. Saluzinho, o herói assustador que resistiu ao cerco militar. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/saluzinho-o-heroi-assustador-que-resistiu-ao-cerco-militar-1.1554577>.

PEREIRA, L. M. *Em nome da região, a serviço do capital: o regionalismo político Norte-Mineiro*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2007.

PEREIRA, L. M. Entrevista 5. Entrevista cedida a Maria Isabel Soares Almeida Rodrigues e Yasmin de Cássia Ramos Oliveira. Montes Claros, out. 2019.

PEREIRA, L. M.; LOPES, I. R. Experiências e vivências dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos S. A. – MATSULFUR de Montes Claros – MG (1969-1994). *Revista Semina*, v. 13, n. 1, p. 286-301, 2014.

- PIMENTEL, G. C. O sonho vigiado: comunistas do interior mineiro e a vigilância-repressão às suas atividades. 8º FEPEG, 2014.
- PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PORTELLI, A. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- PREFEITURA. Prefeitos. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/prefeitos>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- PRIMO, L. C. C. *Demandantes e demandados na história e na cultura política de Montes Claros-MG*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
- QUADROS, D. B. *Participação popular na gestão pública municipal de Montes Claros – 2005-2008: avanço ou continuísmo?* Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Montes Claros, 2014.
- QUEIROZ, M. I. P. Coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, B. (Ed.). *História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- REBELLO, I. F.; SILVEIRA, J. *Toninho Rebello: o homem e o político*. Belo Horizonte: Cleber Caldeira Editora, 2014.
- REBELLO, M. V. Cantiga ferida In: *Jornal de Montes Claros*. 05 de julho de 1983.
- RESISTÊNCIA de invasor surpreende. *O Estado de São Paulo*, 24 nov. 1967.
- SANGLARD, F. N.; CAMISASCA, M. M. Os despejos de Cachoeirinha e a luta por terra no período da ditadura militar. *História Unisinos*, v. 24, n. 2, 2020, p. 325-333.
- SANTOS, G. R.; SOUTO, K. G. S. O desenvolvimento no Norte de Minas na perspectiva da SUDENE. *Revista Desenvolvimento Social*. v. 12, n. 2, p. 69-78, 2014.
- SANTOS, S. N. *À procura da terra perdida: para uma reconstituição do Conflito de Cachoeirinha*. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas). Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.
- SENA, L. F. Padre Agostinho, a saga de um sacerdote. Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros. 1 fotografia. Disponível em: https://www.ihgmc.art.br/revista_volume6.htm. Acesso em: 25 mar. 2022.
- SENA, S. R. Entrevista 1. Entrevista cedida a Maria Isabel Soares Almeida Rodrigues e Yasmin de Cássia Ramos Oliveira. Montes Claros, out. 2019.
- SILVA, C. G. *A censura veste farda: elites conservadoras, policiais militares e o consentimento da imprensa escrita à censura, durante o governo militar em Montes Claros de 1964-1985*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

SILVA, C. G. Censura, repressão e silêncio: a memória da imprensa escrita de Montes Claros durante o governo militar (1964 – 1985). *Revista Ágora, Vitória*, n. 11, p. 1-17, 2010.

SILVA; E. P. F.; GALIZONI, F. M.; LIMA, V. M. P.; RIBEIRO, E. M.; PAULA, É. J. S.; SANTOS, A. O.; SANTOS, A. F. R. Metamorfose da Chapada: monocultura de eucalipto e tomadas de terras e águas no Alto do Jequitinhonha, Minas Gerais. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, v. 17, n. 44, 2022, p. 63-89.

SILVA, L. J. D. *A modernidade no sertão: a experiência do I Plano Diretor de Montes Claros na década de 1970*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Montes Claros, 2008.

SOBRAL, H. D.; CAMISASCA, M. M. Considerações sobre docência e historiografia: o caso da disciplina Questão Agrária nas ditaduras do Brasil. *História Agraria de América Latina*. v. 1, n.2, 2020, p. 1-20.

SUCURSAL BH. Mineira destemida de Cachoeirinha diz que com pistoleiro só no tiro! *Tribuna da Luta Operária*, ano 2, n. 46, 15-28 ago. 1981.

VALMOR, C. M. S. Outros modos de viver: pobreza urbana em Montes Claros – 1960 a 1980. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

VITRAL, T. V. Corrente revolucionária de Minas Gerais: resistência ativa à ditadura civil militar em Minas Gerais. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

ZANGELMI, A. J.; QUELER, J. J. Q. “O latifúndio é o Diabo: apontamentos sobre a inusitada trajetória de Saluzinho. *Tempo*, v. 27, n. 3, 2021, p. 606-628.